

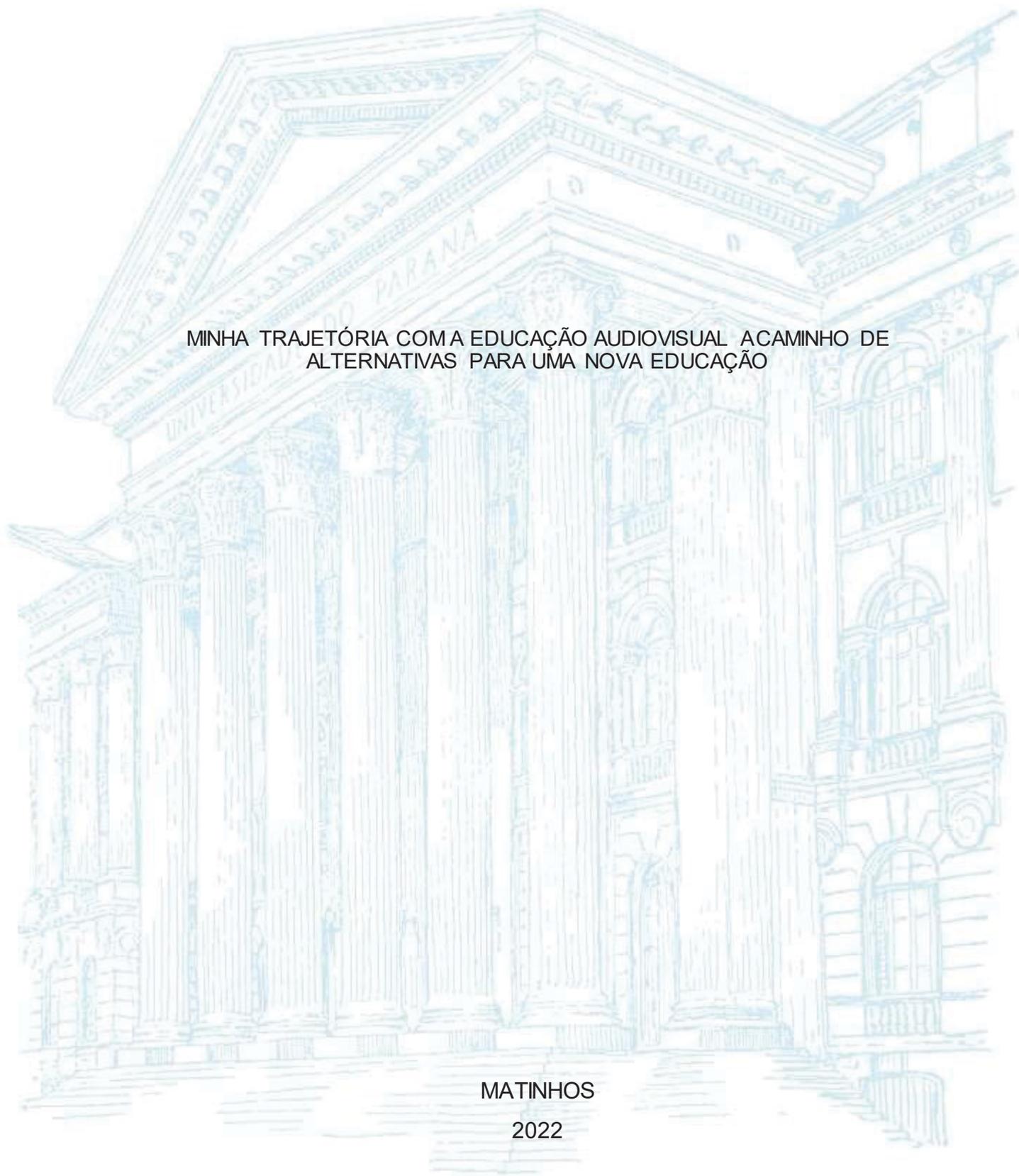
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DAYANNE CRISTINA GOMES

MINHA TRAJETÓRIA COM A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL ACAMINHO DE
ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

MATINHOS

2022



DAYANNE CRISTINA GOMES

MINHA TRAJETÓRIA COM A EDUCAÇÃO AUDIOVISUAL ACAMINHO DE
ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador: Rodrigo Rosi Mengarelli

Coorientadora: Gabriela Schenato Bica

MATINHOS

2022

RESUMO

Esse trabalho é o memorial da minha trajetória sociointeracionista e audiovisual até o curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Inicialmente estão as reflexões a partir do meu lugar de fala e a intermediação do mundo em minhas escolhas na educação. Em um segundo momento, são relatadas vivências interdisciplinares realizadas durante a pandemia, junto de outras educadoras, com jovens e crianças de regiões periféricas de Matinhos-PR. Tódes são convidades a refletir sobre o impacto da interação entre educadores, artistas e agentes culturais, em prol de atitudes coletivas e participativas na educação. Nessa perspectiva, surge o Terrinha Brincante, um projeto alternativo para uma nova educação no município, onde a agroecologia e a arte se misturam com a educação audiovisual em espaços de educação não-formais, visando a conexão entre espaços, educadores e um novo esperançar.

Palavras-chaves: Pedagogia sociointeracionista, Educação interdisciplinar, Educação Audiovisual, Pandemia, Esperançar, Terrinha Brincante.

Germinar - quebrar a dormência, brotar.

“Mulher, você é o sonho mais louco de seus ancestrais.”

Autora desconhecida.

Sou filha parida de Clarice, mas criada por Vera, sou uma das netas de Teresa e graças a essas mulheres mais velhas, hoje sou mãe do Francisco e da Glória. Nessa árvore da vida, posso dizer que minha raiz é mineira (Diamantina-MG), meu cerne tem pé vermelho (Santo Antônio da Platina-PR), minhas folhas são da capital (Curitiba-PR) e meus frutos são caiçaras (Matinhos-PR) e por onde eu caminho, traga um pouco disso tudo comigo.

Olhar para a ancestralidade em minha família sempre foi nutritivo para minha vivência e trajetória como mulher parda, mãe militante, ativista e educadora popular.

Entender a conjuntura que fizeram as minhas mais velhas migrarem de um lugar ao outro, e me compreender como fruto dessas mulheres que viveram em seus corpos a parteria, a cura tradicional, a fé, a fome, o racismo, o machismo, a cultura do estupro, o êxodo rural, a marginalização, a violência obstétrica, a exploração e a globalização como fábula, tudo isso sempre foi fundamental para me direcionar nos espaços de privilégio que eu ocupo.

Minha avó Teresa, mulher preta e analfabeta, se formou na vida e nunca soube o que era reprovação. Ela pariu 11 filhos, 6 sobreviveram e geraram seus descendentes. Clarice, minha falecida mãe biológica, foi uma das filhas mais novas. Trago esse fato, para contextualizar como é revoltante constatar que em nossa árvore genealógica, em 2016 eu fui a primeira mulher de minha família a se formar em uma universidade, a única dos netos até então a acessar uma universidade pública, não por ser melhor que ninguém, mas por ter outra mulher decidida a dedicar seus esforços, tempo e trabalho para garantir o meu acesso ao ensino público de qualidade.

Minha tia/mãe Vera, mulher preta, batalhadora, é uma guerreira que criou muitos filhos que ela não pariu, inclusive eu quando sua irmã faleceu. Ela quem me aproximou desse território maravilhoso que é o litoral do Paraná. Graças a ela, tenho habitado Matinhos durante as temporadas desde os meus 2 anos de idade. Minhas memórias de infância são as tardes jogando bets com a criançada da vizinhança nas ruas de areia do Tabuleiro. Isso quando não passava o dia inteiro na praia, acompanhando minha mãe que era salgadeira ambulante na areia.

Mulheres como ela são desde então a minha referência de gente, são a minha gente. Foi na prática da oralidade e da educação popular com elas, que aprendi o impacto do afeto e da intergeracionalidade na educação. Para além da oralidade, trago desse berço familiar a herança da comunicação que exerce a leitura de outras linguagens, como a linguagem corporal, emocional e até mesmo a sensorial.

Olhar para o passado é o exercício que me faz honrar no presente cada gota de suor, de lágrima e de sangue que as minhas mais velhas já derramaram. Esse é o meu lugar de fala e é com essa identidade que eu estou inserida no mundo, com a sede de experiências sociais afetivas, geradoras e transformadoras.

Hoje tenho alcance para compreender o impacto dessa trajetória na minha educação, mas lembro que no início foi muito difícil e doloroso viver a educação tradicional. Morar em Curitiba na infância e ser colocada em uma caixinha já no ensino fundamental, para ter que exprimir tudo que é sensível para dentro de outras caixinhas, foi um método desumano para educar. O período de escolarização foi uma lição de resistência. Foi preciso esconder no íntimo tudo que era diferente do padrão: as linguagens, a criatividade, as raízes, o corpo, a identidade.

A adolescência no ensino médio foi uma catástrofe. Com tanta coisa acumulada e mal digerida na infância, não poderia ser diferente, mas foi preciso seguir adiante e quando me vi livre, na autonomia de fazer minhas próprias escolhas, não pensei duas vezes e fiz vestibular para estudar no lugar onde as memórias afetivas eram significativas: o litoral do Paraná.

Diferente da escola, a universidade sanou feridas. Não vou dizer que também não fui tentada à competitividade e ao egocentrismo, que rolam soltos por ali. Mas foi diferente, porque na universidade eu sempre fui livre e ali eu podia fazer escolhas. As minhas escolhas me levaram a trabalhar em uma ONG, compartilhando conhecimentos da educação ambiental marinha nas escolas públicas da região. Foi então vivenciando a educação ambiental e como docente de uma formação para educadores da rede pública de ensino, que eu me apaixonei pela educação.

A partir daí a paixão virou amor e isso gerou compromisso. Eu tinha o conhecimento sobre a ciência do local, mas era superficial o meu saber sobre a cultura tradicional. As pessoas da região onde eu habitava - Pontal do Paraná - já estavam sob o encantamento daquela chamada globalização como fábula, que Milton Santos (2011) tanto critica.

Eram raros os mais velhos que sabiam contar histórias, as mulheres praticavam cada vez menos a cura tradicional e viviam a mercê do sistema de saúde, as celebrações da região eram sempre comerciais, até a música era importada. A pesca artesanal e outras poucas atividades ligadas à maricultura eram práticas culturais que ainda resistiam, mas sem muito apoio.

Durante o período de faculdade eu pude fazer a leitura sociointeracionista desse local e quando concluí a graduação, decidi buscar os saberes na fonte, nos lugares menos perturbados. Para isso, ingressei em uma viagem turística de base comunitária: a Viagem de Canoa.

A Viagem de Canoa foi uma vivência em grupo, feita de canoa a remo pelas comunidades ribeirinhas do estuário Lagamar. Foram 15 dias remando e parando nas comunidades da baía de Guaraqueçaba, entregando cestas básicas e agasalhos, conforme demandas norteadas pelos agentes locais: Renato Caiçara e sua companheira Andressa. Foram dias de chuva, dias de sol, cataia pra aquecer os corpos. Dormíamos acampados nos quintais dos moradores, ouvíamos as histórias das caiçaras em volta do fogo de chão, nos conectamos com as pessoas, seus fazeres e a natureza exuberante de cada comunidade.

Foi nessa vivência que conheci o fandango, acampada no quintal de Mestre Leonildo na vila do Abacateiro e também filmando Mestre Vicente tocando sua rabeca na Vila do Poruquara. Também foi ali que me aproximei de meu companheiro. Ambos tinham uma câmera, ideias na cabeça e paixão pelas culturas tradicionais, dali muita coisa se perpetuou. Essa experiência gerou inclusive um curta-metragem que foi lançado anos depois e pode ser acessado neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=cFf898GbOA8>.

Ao longo da viagem, também visitamos cachoeiras, sambaquis, conheci o *Xondaro* e pela primeira vez entrei em uma casa de reza Guarani, na aldeia de Guaraqueçaba. Cada passo, cada remada, cada parada, cada respiro foi uma imersão cultural muito potente e que transformou a minha identidade e a minha relação com o território. A partir dali eu sabia que a minha prática como educadora não poderia mais ignorar no cotidiano as fontes dos saberes tradicionais. Nessa viagem eu tive contato com ferramentas e pessoas necessárias para contribuir de alguma forma com a educação no território, mas foi necessário um tempo para absorver tudo isso.

No ano seguinte eu engravidei e a chegada do meu filho Francisco, em 2017, me afastou das práticas como educadora ambiental, mas me presenteou com uma perspectiva que eu ainda não havia saboreado na sociedade: a maternidade.

O olhar para a educação integral, desde a vida intra-uterina, passando pelo ato de parir em casa, a amamentação em livre demanda, a criação com apego, o colo, a introdução alimentar, a agroecologia, o livre brincar da primeira infância, foram práticas introduzidas e nutridas na maternidade que posteriormente viraram militância.

A maternidade também me colocou mais a frente do trabalho com o audiovisual, que até então era realizado somente pelo meu companheiro. Reconhecemos em nossos sonhos, a oportunidade de contribuir juntos com o desenvolvimento sustentável do território, utilizando para tal as produções audiovisuais, além da chance de vivenciar essas experiências em família.

Foram cerca de dois anos nessa pisada, até que engravidei novamente. Em 2019, pouco antes da pandemia, nossa menina Glória nasceu. Nessa época estávamos imersos nas práticas audiovisuais. Eu trabalhava como comunicadora na SERAFILMES e observava de dentro de alguns projetos socioambientais, o impacto dos avanços da cultura digital, a conectividade e os desafios do letramento digital com comunidades tradicionais.

Com a chegada da pandemia e todo o turbilhão de mudanças que ela ocasionou, principalmente essa convergência forçada para a cultura digital na educação, passei a me questionar como seria vivenciar a educação longe desse espaço físico que é a escola? Qual seria o impacto dessa revolução tecnológica na educação, tendo em vista que ela nunca tinha entrado de fato na educação, ao ponto que a maioria dos educadores não eram detentores dos conhecimentos tecnológicos necessários para formar estudantes críticos no meio digital.

Será que as escolas e os espaços de educação no município estariam preparados para essa mudança? E nós pais, será que estávamos preparados? Quantos de nós seriam privados da educação de qualidade pela falta de acesso à tecnologia e conectividade? Até que ponto as práticas audiovisuais que eu acreditava tanto, eram inclusivas ou excludentes? E o como eu poderia contribuir nesse processo?

Foi nessa conjuntura que o Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação - ANE surgiu na minha vida. Ingressei na ANE3 cheia de

convicções e revoltas viscerais, mas aos poucos, a cada convidade que passava por ali, conhecendo meus colegas e suas diferentes realidades e trajetórias na educação pela América Latina, tudo isso foi transmutando algo dentro de mim. Foi como se toda a minha vontade de transformação fosse canalizada para potencializar espaços coletivos que já precisavam ser nutridos no local.

A ANE ampliou meu olhar para um tipo de utopia que eu gostaria de nutrir e a potência disso como luta coletiva, consistente e pautada na realidade local.

Ramificar - gerar ramos e raízes, crescer.

Em 2021, ainda assolada pela pandemia, fui condicionada a viver a ANE virtualmente. Inicialmente eu pensava que o virtual traria a condição de frieza para os encontros, mas nos momentos em que éramos divididos em grupos menores, a distância de nossos corpos era superada por uma troca de saberes e viveres muito acolhedora e rica em detalhes. Todos tinham as suas diferenças, mas no diálogo era possível perceber algo em comum entre cada um de nós. Ao meu ver, era como uma certa inconformidade com a condição a que todos nós estávamos sujeitos na educação, uma grande insatisfação comum.

Pensar que as Américas permaneciam como uma das regiões mais perigosas do mundo para defender os direitos humanos. No Brasil, o governo se omitia - e ainda se omite - em proteger os direitos sociais, econômicos e culturais das pessoas em situações mais vulneráveis, isso quando não os debilita ainda mais.

Genocídio indígena, sangue negro derramado nas periferias por letalidade policial, desmatamento desenfreado a favor do agronegócio, ataques as políticas públicas culturais emergenciais, maior inflação dos últimos 20 anos, sucateamento dos sistemas de ensino e saúde, censura, falta de vacinas, pessoas queridas sendo perdidas para a Covid, como foi o caso da nossa colega Terezinha, que nos deixou durante o curso.

Viver um país recheado de violações dos direitos humanos relacionadas à violência, à pobreza, à desigualdade, à mudança climática e à saúde, todo esse panorama deixava meus colegas e eu inconformados.

E lamentavelmente, vejo que esse ainda é o Brasil de fato. Os índices indicadores de pobreza só aumentam desde a pandemia, 56% da população já enfrenta insegurança alimentar, 23.500 famílias brasileiras foram removidas de suas

casas entre 2020 e 2021 (ANISTIA, 2022). A pandemia no Brasil sempre teve cor, gênero e classe social e essa condição está intimamente relacionada à postura de um governo fascista que vem respondendo aos impactos da pandemia de Covid-19 com um misto de negação, negligência, oportunismo, autoritarismo e desprezo pelos direitos humanos.

Trago essas denúncias aqui, pois elas alimentam uma questão que reverbera fortemente no meu pensar como educadora após ingressar na ANE: Se é a educação que nos conduz para as relações sociais, práticas culturais e o desenvolvimento estrutural da sociedade, **de que educação estamos falando?**

Se essa conjuntura que vivemos hoje, teve como berço o sistema tradicional de ensino, verticalista, fragmentador de conhecimento, insensível, arcaico e que se apresenta inovador apenas com perspectivas voltadas a atender ao mercado de trabalho, é necessário afirmar o óbvio: Já basta! Se é essa educação tradicional hegemônica que orientou todos até esse Brasil que estamos vivendo ainda em 2022, é emergencial dar um passo para trás e buscar alternativas para uma nova educação.

Foi conhecendo um pouco mais do potencial transformador dos projetos de meus colegas da ANE3, que tive mais convicção sobre a emergência de mais propostas educacionais que atuem para romper com esses desafios. Mas ainda havia uma outra questão que me assolava: Se cada experiência é única dentro da sua realidade e portanto não existe um modelo de educação alternativa, **como poderei replicar ou ampliar essa transformação que as alternativas proporcionam?**

Eu pensava que os intelectuais da academia trariam as respostas para as minhas dúvidas, mas o que acontecia na prática era que a cada encontro eles despertavam em mim mais questionamentos. O que não era necessariamente ruim, mas era complexo. Nesse sentido, tiveram pessoas que naturalmente se destacaram pra mim, pois trouxeram mais lucidez ao meu esperar. A Helena Singer com o seu olhar crítico para uma educação inovadora foi uma dessas pessoas, que me trouxe respostas norteadoras para alguns questionamentos.

"Uma inovação social, por ser criada coletivamente em relação direta com o seu contexto, não pode ser replicada, mas

pode inspirar processos análogos." Helena Singer.

O que pude alcançar dos encontros com Helena durante a ANE, foi que a educação precisa estar voltada ao território, alinhada aos direitos humanos e ter em suas práticas ferramentas acessíveis e inclusivas que reintegrem o debate desses direitos, de maneira sensível e ativa ao cotidiano de educandos e educadores. Nessa perspectiva, compreendo que a maior aventura como educadora é justamente o de criar essas ferramentas.

Fui compreendendo que a educação inovadora tem disso, para propor alternativas ela carece de um espírito aventureiro. Alternar essa educação tradicional que vivemos até hoje para práticas inovadoras, participativas e semeadas pela pedagogia da autonomia (Freire, 2019), com foco nos interesses humanos, não os de mercado, é uma jornada que exige coragem. É necessária uma transformação muito grande na educação, para romper com as crises estruturais que são consequências desse modelo de educação hegemônica.

É preciso novas formas de investigação que ultrapassem as barreiras entre as disciplinas, muros e tantas outras fronteiras criadas para nos abastar. Ultrapassar estas barreiras implica pensar de que forma linguagens, conceitos, perspectivas e gerações podem conjugar-se numa relação de complementaridade e ultrapassar esse paradigma da educação tradicional.

Uma grande mudança como essa não se faz sozinha, e o Movimento Nacional de Alternativas para uma Nova Educação - MoANE passou a fazer mais sentido no meu pensar. O MoANE como movimento gerador, inclusive da ANE3, era como uma grande rede de apoio que trouxe mais sentido para um olhar integral.

Se na educação emancipatória de Paulo Freire "o caminho se faz caminhando", creio que os direitos humanos precisam então ser a bússola, e o norte a utopia. Acreditar nessa perspectiva consiste em minhas buscas como educadora, dentro dos espaços não formais de educação onde me integro, ancorada nas trocas de saberes e práticas de trabalho, trazendo humildemente ferramentas e acervos que contribuam para os trabalhos de base. São revoluções singelas, silenciosas, mas perspicazes e que fazem toda a diferença.

Florescer - crescer efêmera, frutificar.

“...a aprendizagem só é possível quando há relação entre as pessoas, e estas estejam intermediadas pelo mundo.”
Manifesto para uma nova educação inspirado em Paulo Freire.

Para alinhar minha trajetória e saberes, com a busca de alternativas para uma nova educação, passei a investigar práticas pedagógicas inovadoras, envolvendo metodologias ativas e o audiovisual. Uma das primeiras referências nesse processo foi uma colega da ANE 3, Elidiana. Em um dos exercícios da ANE ela trouxe para o grupo uma proposta de intervenção artística envolvendo dispositivos de cinema. Me lembro de ter ficado muito impactada com o resultado final daquele exercício e a partir dali passei a frequentar formações, Lives e buscar cada vez mais fontes de conhecimento sobre a Educação Audiovisual.

Trabalhando na SERAFILMES eu já vivenciava o audiovisual como um processo inclusivo e intergeracional, perturbador da ordem, indeterminado e revelador na práxis, que fortalecia conexões e contribuía na formação de diversas redes. Mas foi depois de acessar relatos envolvendo a Educação Audiovisual e participar em 2021 da formação *Entre palavras, imagens e sons: Educação Audiovisual e o Método Paulo Freire* da Escola Semente - Educação Audiovisual, que pude compreender como ela também é uma proposta pedagógica pautada na emancipação, por meio da criatividade e autonomia, com o olhar para a valorização do território e protagonismo no conhecimento.

Esperançosa com a Educação Audiovisual, passei a falar sobre as possibilidades dessa proposta com outras pessoas ao meu redor, até que um belo dia comentei com a Bruna, amiga batuqueira de Maracatu e que também cursava ANE 3. Ela rapidamente lembrou de uma dificuldade que algumas famílias da ocupação na Vila Bom Sucesso, principalmente as mães solas, enfrentavam com as crianças durante a pandemia. Na ausência da escola como apoio, muitas famílias não tinham como trabalhar, construir suas casas e manejar a terra. Para isso ser possível, as crianças precisavam ficar desassistidas.

Bruna já vinha articulando com outra colega, a Ariane, para propor atividades de arte-educação em um espaço conhecido como “Terrinha”, uma terra coletiva localizada na Vila Bom Sucesso e que faz fronteira com o Parque Nacional Saint Hilair/Lange, em uma grande área de ocupação na região.

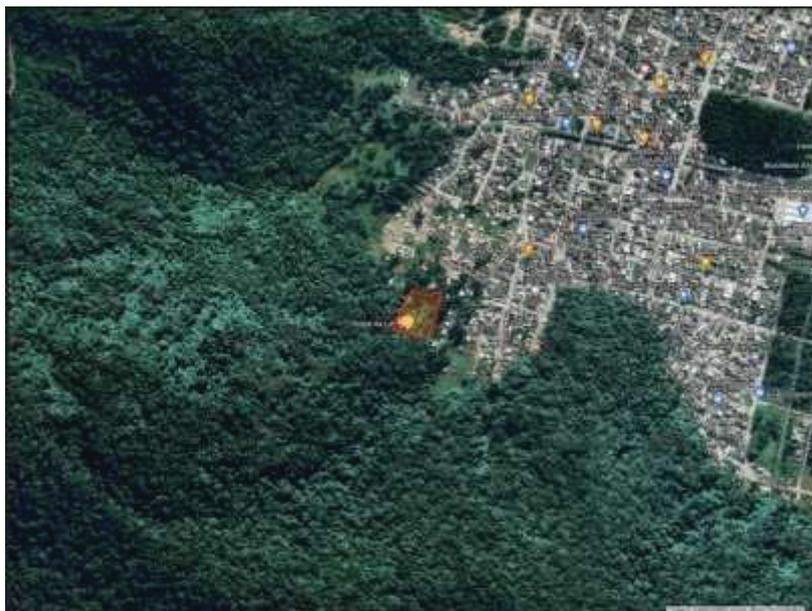


Imagem 1: Imagem da localização da Terrinha. Fonte: Google Earth.

Foi então que decidimos unir as ideias numa proposta de apoio mútuo, tanto umas com as outras como educadoras, como com as famílias e crianças da ocupação.

Assim nasceu **Terrinha Brincante**, uma proposta coletiva de educação não-formal, idealizada e realizada por mulheres, com a intenção de potencializar práticas da educação popular com atividades focadas em 3 eixos: Agroecologia, Arte e Cultura Popular no território.

Esses eixos norteiam experiências afetuosas, lúdicas e educativas, através da perspectiva das crianças que vivem na ocupação e a linguagem artística promovida por cada educadora envolvida: Ariane com a linguagem das artes plásticas, corporais e visuais na natureza, Bruna com a linguagem sonora e corporal nas músicas e brincadeiras populares e eu com a linguagem audiovisual através do cineclube, dispositivos de cinema e produção de documentários colaborativos através da Educação Audiovisual.



Imagem 2: Primeiro encontro para o planejamento do projeto Terrinha Brincante. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Na Terrinha acontecem também outros projetos por meio do Coletivo de Convivências Agroecológicas de Matinhos - CCA. Até 2021 o espaço foi reconhecido como sede do coletivo, e também das hortas urbanas coletivas realizadas junto da Associação de Moradores do Vila Nova.

Antes de dar início a qualquer proposta e pensando em potencializar ações que já aconteciam na terrinha, nos reunimos com as famílias do local que estavam interessadas nas ações de arte-educação do projeto e estruturamos juntos uma primeira proposta para desenvolver com as crianças. Nesse encontro levantamos datas para realização, espaços de apoio para as atividades, demandas de cadastros das crianças e históricos de outros projetos que já haviam sido realizados no local.



Imagem 3: Reunião com as famílias na Terrinha. Fonte: Acervo Terrinha Brincante

- **2021: Cineclube e Mandala da Natureza.**

Depois de alinhar as ações do projeto com as propostas das famílias, demos início aos nossos encontros com as crianças, com a primeira oficina realizada no dia 28 de outubro de 2021. Iniciamos com Cineclube exibindo dois curtas-metragens com temas voltados à relação ser humano e natureza: *Caminhos dos Gigantes* e *Mandalas da Natureza*, ambos disponíveis no Youtube.



Imagem 4: Cartaz da oficina - Cineclube. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Vale ressaltar que a chegada das crianças era bem dinâmica, e por isso os filmes foram exibidos mais de uma vez. Mesmo assim, as crianças se mantinham muito atentas e envolvidas com as histórias, trazendo comentários diferentes a cada exibição. Ao todo foram 10 crianças que participaram dessa atividade.





Imagem 5: Fotos dos momentos de concentração durante o cineclube. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Comentários singelos, mas que durante a atividade eram como portais que ligavam o mundo deles com as histórias e pessoas presentes naquele espaço.

<ul style="list-style-type: none"> - <i>Vai acontecer alguma coisa encantada... Ele já virou árvore, que nem árvore da vida. Ele virou árvore da vida.</i> 	<p>José comentando cenas finais do filme "Terra dos Gigantes".</p>
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Ela... saiu porque ela tava com medo.</i> 	<p>Ísis explicando a cena do filme "Terra dos Gigantes" para seu colega Raoni, X anos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Depois de dois anos eles vão quebrar essa árvore. É, porque aquela árvore que eles tinham quebrado era um gigante e essa é um segundo gigante.</i> 	<p>Pedro debatendo com José sobre os cortes de árvores realizados pelos indígenas no filme.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - <i>Por que você filma? Eu acho que você é uma aventureira.</i> - <i>É? E por que você acha que eu sou uma aventureira?</i> - <i>Porque você tem uma câmera!</i> 	<p>José e eu, em questionamentos sobre filmar as atividades.</p>

Quadro 1: Percepções das crianças durante o Cineclube. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Percebo que a Educação Audiovisual é reagente à condição social onde está inserida e por isso reverbera tais questões nas suas práticas dentro da educação, criando alternativas para os desafios, principalmente em tempos críticos. Ela está bem longe de querer dar uma resposta para a pandemia, pois é uma questão global gigantesca, mas o fato é que durante os períodos mais críticos da pandemia, as práticas da Educação Audiovisual, como o Cineclube, foram alternativas para promover uma interação pedagógica mais interessante entre as pessoas, acolher e exaltar histórias e denúncias, alfabetizar, formar redes, e tantas outras possibilidades.

Após o cineclube, a Ariane puxou atividades arte-educativas com elementos da natureza, onde questões vistas nas telas puderam ser sensorialmente percebidas e aprofundadas artisticamente. É interessante reparar a potência do cineclube, quando é posteriormente aliado a atividades de arte-educação ao ar livre.

Aos poucos, toda aquela atenção das crianças que é capturada pelas telas, se materializam em obras de arte lindas e que revelam por meio da linguagem visual as mensagens das crianças sobre aquilo que estávamos propondo.



Imagem 6: fotos da coleta e organização de elementos da natureza. fonte: acervo Terrinha Brincante.

Essa combinação de atividades foi muito bem recebida pelas crianças, que tinham uma faixa etária variada e puderam expressar dentro da subjetividade de cada um, o que vinha sendo proposto coletivamente.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Paulo Freire.



Imagem 7: Fotos das artes produzidas. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Para sintetizar esse encontro, fiz um vídeo teaser que pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=j6NeMh-sLtQ&t=1s>.

- **2021: Oficina de brincadeiras e danças populares.**



Imagem 8: Cartaz de divulgação da oficina. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

No segundo encontro, dia 09 de novembro de 2021, levamos para as crianças uma pequena mostra com as fotos e vídeos realizados no primeiro encontro. Elas puderam lembrar e se (re)conhecer protagonistas da primeira atividade, tudo assistido em uma TV grande na sala cedida por uma das famílias.

As crianças que estavam participando pela primeira vez também puderam se inteirar do que já havia sido realizado com os colegas. A reação delas foi uma grande mistura de surpresa, euforia, dúvidas e graça.



“Eu montando a minha mandala...”



A minha mandala!” - Pedro.



Imagem 9: Imagens das crianças assistindo a documentação pedagógica. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

É posto nos livros, vídeos e denúncias populares o histórico metodológico do chamado sujeito pesquisador que se apropria dos dizeres e saberes em suas pesquisas. Muitas vezes esse sujeito não retorna para a comunidade aliada, a devolutiva do uso da imagem, propriedade intelectual e afins.

A mostra audiovisual foi uma prática interessante para propor um diálogo horizontal com as crianças, sobre o que vem sendo feito no projeto e o que podemos fazer. Uma proposta de documentação pedagógica participativa e que rompe com as tais práticas de trabalhos apropriadoras, devolvendo para a criança a importância da sua participação no processo.

Em seguida, tivemos uma oficina ao ar livre com a Bruna, onde ela trabalhou junto com as crianças a musicalidade por meio do fruto da cabaça. Em uma roda de

conversa as crianças puderam conhecer diferentes formatos de cabaça, explorar os tipos de sons que o fruto pode oferecer e tocar junto de outros instrumentos muito presentes da música popular, como o pandeiro e o caxixi.



Imagem 10: Imagens das crianças testando as sonoridades da cabaça. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Para finalizar, encerramos nosso encontro com as crianças fazendo um resgate de brincadeiras populares, como a cobra-cega e a corre-cotia. Brincadeiras antigas geralmente são transmitidas de uma geração a outra por meio da oralidade. Nesse encontro tivemos a participação de 8 crianças e elas gostaram muito, pois a maioria ainda não estava familiarizada com essas brincadeiras, o que me faz questionar sobre **quais ações são desempenhadas na educação escolar das crianças que remete a cultura popular?** Isso me faz reviver os primeiros

questionamentos com o qual me deparei na ANE 3: **Quando penso em educação, essa educação é para quem? Para quê?**

A minha perspectiva na terrinha sempre foi de educar no território, e esse território vai além das fronteiras do espaço cedido para o projeto. quando ensinamos às crianças as práticas populares, seja cantando, plantando ou brincando, estamos revivendo valores e crenças de relações de sabedoria e cuidado com a terra e com o coletivo.



Imagem 11: Imagens das crianças dançando e brincando de corre-cotia e cobra-cega. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Para sintetizar esse encontro, fiz um vídeo teaser que pode ser acessado através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=yHCY6OqxcPs>.

- **2021: Oficina de brincar e plantar com a natureza.**



Imagem 12: Cartaz de divulgação da oficina. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Em nosso terceiro encontro, realizado no dia 30 de novembro de 2021, tivemos a oficina de brincar e plantar com a natureza, mediadas pela Bruna e Ariane. Esse foi um encontro onde tivemos pouca participação, pois nessa conjuntura muitas crianças haviam retomado as atividades semipresenciais da escola e passaram a frequentar a escola no período da tarde no esquema de rodízio. Ficaram conosco então os mais novos que frequentavam os CMEIs e um dos meninos que não estava no rodízio.

Foram realizados passeios pela terrinha na intenção de coletar folhas, pedrinhas e galhos para a confecção de brinquedos naturais e em seguida nos reunimos na casa da Bruna, que compõe uma das famílias na terrinha.

As crianças puderam explorar de maneira muito criativa e sensorial, as possibilidades de brinquedos realizados com os materiais coletados, apenas com uso de tesoura e barbante. Foram feitos bonecos, máscaras, barcos, borboletas e tudo que a imaginação pode proporcionar.

Admirável a facilidade que os menores tiveram em criar com os recursos apresentados.





Imagem 13: Imagens da confecção de brinquedos com elementos da natureza. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Depois de muito brincar com a natureza, encerramos nosso dia plantando algumas sementes junto das crianças nos canteiros da terrinha, orientando que da mesma forma que retiramos elementos da natureza, precisamos cultivá-los e devolver as sementes à terra.

O plantio foi um ato singelo, mas de extrema importância, pois ele representa um ritual. Ele cela toda a memória afetiva que tecemos com as crianças na produção dos brinquedos. Elas sentem em seus corpos o prazer de cada etapa do processo, e é muito visível a maneira como o prazer do brincar garante o engajamento nas atividades e na causa como um todo.





“Sou muito plantador disso!” - Raoni, 3 anos, comentando orgulhoso sobre seus dotes no plantio.



Imagem 14: Fotos da atividade de plantio com as crianças e do encerramento com os brinquedos produzidos na oficina. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Devido ao histórico de trabalho das famílias e uso do espaço durante a temporada, as atividades do Terrinha Brincante na terrinha precisaram ser suspensas. Nossa perspectiva de retomada inicial era logo depois do carnaval, porém tivemos muitos casos de covid, tanto na terrinha como entre nós do projeto, o que postergou ainda mais o retorno das ações.

Com o início do ano letivo, muitas das crianças retomaram as atividades presenciais na escola, o que desfalcou as ações que vinham sendo planejadas e passou a exigir adaptações de datas e horários.

- **2021: Educação Audiovisual para o livre brincar com a natureza no MST.**

Durante esse período, tive a oportunidade de expandir as práticas realizadas na Terrinha para outros espaços. Em uma visita ao Acampamento José Lutzenberger - MST, em Antonina - PR, no dia 08 de dezembro de 2021, minha família e eu fomos para conhecer e registrar as Agroflorestas do local junto das crianças da comunidade.

Durante a visita, deixei a câmera digital do meu filho disponível a todas as crianças, para que elas pudessem juntas, fazer seus próprios registros. Em um primeiro momento fiquei receosa, pois eram muitas crianças para um único equipamento e com faixa etária variada de 2 - 7 anos. Mas com muita naturalidade, elas mesmas se organizaram e aquelas que tinham mais prática no manuseio logo foram tomando a frente e ensinando os outros. Rapidamente elas já estavam documentando nosso percurso, treinando técnicas de enquadramento e repassando o conhecimento aprendido de uma para a outra.

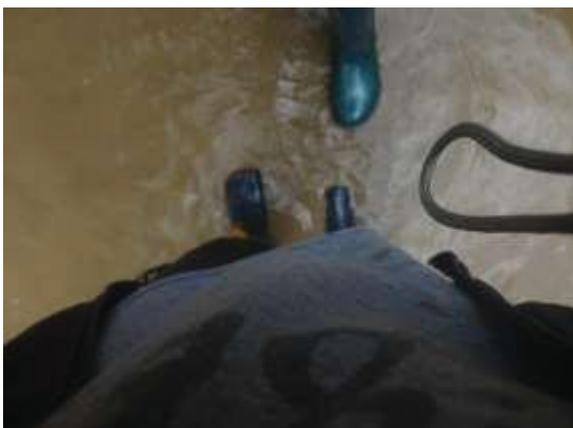






Imagem 15: Fotos tiradas pelas crianças durante a visita à agrofloresta na comunidade. Fonte: Acervo pessoal.

Meu receio caiu cedo por terra e passei a confiar e acreditar que elas saberiam transformar essa experiência de ter um equipamento à disposição, algo prazeroso para todas. Embora a experiência audiovisual de registrar com uma câmera fosse algo novo ali, a relação de viver em comunidade, compartilhar e ter paciência era algo muito cotidiano e contribuiu muito no processo de aprendizado das técnicas de fotografia.

Depois de visitar as roças e agroflorestas, enquanto meu companheiro fazia imagens aéreas do local, eu e as crianças regressamos até uma das casas das famílias. No caminho de volta, a disputa pela câmera gerou desentendimentos. Para mudar o foco da briga, eu sugeri a criação de uma mandala da natureza, como a que fizemos no primeiro encontro do Terrinha Brincante. As crianças se interessaram logo de cara e seguimos colhendo flores, gravetos, pedras e folhas para criar a mandala.

O processo de criar a mandala foi orientado pela frase “*tudo e todes cabem dentro da mandala, cada um do seu jeito*”. Sempre que alguém trazia um elemento essa frase era reforçada. A cada camada da mandala, eram permitidos ajustes na simetria, mas sem retirar nada de dentro.



Imagem 16: Fotos das crianças produzindo a mandala. Fonte: Acervo pessoal.

Depois da mandala da natureza, encerramos as atividades com a brincadeira de corre-cotia, que para a minha surpresa, era desconhecida pelas crianças do acampamento. Fizemos uma roda em frente a mandala e com a ajuda dos meus

filhos demonstramos como se brinca. A brincadeira começou meio desajeitada, mas logo todos pegaram o jeito e outras crianças que chegavam na comunidade já foram entrando na roda para brincar.

A vivência no acampamento do MST em Antonina me fez pensar na importância do intercâmbio cultural entre comunidades e famílias. Embora o MST esteja alinhado aos resgates dos saberes e fazeres tradicionais em sua luta popular pela reforma agrária, são muitas as demandas que o movimento tem nessa jornada. Então esses resgates culturais e trocas de experiências entre as crianças de diferentes localidades, reforçam também na educação das crianças alguns valores firmados pelo movimento, como a valorização do seu território e as possibilidades criativas em habitar a natureza com harmonia.

- 2022: Reflexões para reinventar.

Depois da recuperação dos casos de Covid, decidimos retomar nossas ações em 2022. O tempo em que estivemos afastadas foi propício para rever toda a documentação pedagógica gerada, oportunidade de muita práxis para cada uma de nós. Rever todos os registros, incorporar relatos, reviver os primeiros movimentos do Terrinha Brincante, tudo isso me fez refletir de que forma as práticas da Educação Audiovisual se mostram inovadoras, pois embora conectadas com processos subjetivos, estão tão engajadas com processos coletivos para se fazer possível.

Os dispositivos de cinema, o Cineclube, as oficinas de Cinema e Fotografia, a produção de documentários colaborativos e as Mostras de documentação pedagógica, tudo isso faz parte da Educação Audiovisual. Tais práticas promovem a investigação da realidade local e sem uma receita de bolo para isso. É uma prática educacional complexa e de gestão participativa, que na busca de criar alternativas para os desafios sociais, muitas vezes agrega o uso de tecnologia. Mas que também acontece na ausência dela, desde que essa ausência seja colocada em pauta de questionamentos no coletivo: ***Por que não temos acesso às tecnologias que podem favorecer nossa educação? O que falta para podermos acessá-la?***

Pesquisadores como Bergala (2008) retratam muito bem os impactos da mudança cultural global marcada pelo avanço das tecnologias de comunicação, em especial do cinema, e como isso afetou as escolas. Houve uma ruptura nas relações de transmissão de uma cultura comunitária, onde a mídia e o cinema passaram a promover uma cultura de "juventudes" que se afastava cada vez mais das tramas

coletivas que eram nutridas entre gerações. O cinema era integrado à educação numa metodologia passiva de difusão de conhecimento, visionada para a educação das massas populares analfabetas, partindo de uma percepção desabastecida e limitada quanto ao seu poder reflexivo.

O cineclube praticado dentro do Terrinha Brincante, por outro lado, exerce linhas ideológicas contrárias a isso, fomentando indiretamente uma reparação histórica na relação entre educação e cinema. Canalizamos o poder do cinema para relações coletivas, intergeracionais, valorizando saberes, comunidade e território, propondo metodologias ativas complementares a sua prática. E compreender isso como educadora, a partir da releitura da documentação pedagógica, é muito gratificante. É como se o auto olhar me nutrisse de humanidade para os próximos passos na educação.

Pensando nos próximos passos, com a retomada presencial das escolas passamos a viver uma situação totalmente oposta ao início do projeto. As crianças que antes tinham as tardes livres, mas sem atividades direcionadas, naquele momento estavam na maior parte do tempo na escola. Outra novidade foi que a Ariane foi convocada para dar aula no município, através de um concurso que ela prestou em 2018. Foi preciso então remodelar nosso plano de ação, pensando em como dar continuidade às atividades com as crianças e quais espaços e momentos o projeto poderia ocupar.

Eis que surgiu a possibilidade de ampliar as ações do projeto em parceria com a Associação de Moradores do bairro Vila Nova. Não queríamos deixar de atuar na terrinha, pois foi o berço de tudo e algumas crianças dali não frequentavam a Associação, então decidimos nos dividir para multiplicar. A Ariane ficou à frente das ações na Terrinha, que foram remanejadas para acontecer aos sábados, enquanto a Bruna se encarregou de articular as atividades na Associação de Moradores do Vila Nova e eu passei a transitar entre essas duas frentes, dando apoio nas atividades, articulação e conectando o projeto através do audiovisual.

- 2022: Terrinha Brincante na Vila Nova.

A primeira oficina na Associação do Vila Nova aconteceu no dia 07 de abril de 2022. Nesse primeiro encontro, além de Bruna e eu tivemos a participação voluntária da Chiva, uma das mães que já vinha nos apoiando nas primeiras oficinas da terrinha, geralmente levando e buscando algumas crianças em suas casas. Chiva

é artista e batuqueira e contribuiu levando um pouco do seu saber brincante com a música popular para dentro do projeto.

Para iniciar, realizamos uma dinâmica de apresentação chamada Teia e que foi sugerida pela Ariane durante o planejamento. Consistiu basicamente na apresentação de cada um ali presente, utilizando um novelo de lã. Cada um que se apresentava segurava um pedacinho do fio antes de passar para o próximo. No final do ciclo de apresentações, tivemos uma dimensão visual para refletir como cada um de nós estava conectado, e como a influência ou tensão que um gerava sobre o outro afetava todes nessa grande teia.

A Bruna trouxe reflexões sobre como essa teia é firme e forte quando cada um coloca um pouco do seu esforço para mantê-la esticada e como ela afrouxa com o abandono de qualquer um de nós.



Imagem 17: Fotos das crianças formando a Teia durante a oficina de apresentação. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Assim foi o nosso primeiro contato com as crianças na Associação. Tínhamos algumas atividades propostas, mas os planos mudaram quando eu passei a utilizar mais equipamentos audiovisuais para registrar as atividades. As crianças eram muito curiosas com relação aos equipamentos e como estávamos em um grupo menor, era justo sanar a curiosidade e apresentar a elas brevemente, esses equipamentos que fariam parte das nossas vivências durante todas as oficinas.



Imagem 18: Crianças conhecendo os equipamentos que seriam utilizados para registrar as Oficinas.
Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Depois de familiarizar as crianças com a equipe e com os equipamentos, conduzimos elas para uma prática brincante. Chiva e Bruna puxaram uma roda de coco e ensinaram para as crianças uma trava língua que estimulava o raciocínio lógico, ao mesmo tempo que promovia a movimentação corporal ao ritmo do pandeiro.



Imagem 19: Coco de roda e as crianças concentradas para bater palmas e dançar enquanto cantavam “Sobe no coco, tiro o coco, desce o coco, pega o toco e abre o coco pra gente coco comer”. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

- **2022: Oficina de Educação Audiovisual no Vila Nova.**

A segunda oficina no Vila Nova aconteceu no dia 14 de de abril de 2022. Dessa vez tivemos a participação do Raphael Serafim que também é agente cultural e produtor audiovisual em Matinhos.

Tendo em vista o interesse que as crianças demonstraram pela linguagem audiovisual no primeiro encontro, nesta oficina optamos por focar nas práticas da Educação Audiovisual. Então planejei a oficina para acontecer em 3 momentos: Cineclube, Diálogo e Cinema.

No cineclube tivemos a exibição de dois curtas metragens atrelados a temática “memória”: *A Árvore* (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ppACa98KCXU&t=6s>) e *A casa em pequenos cubos* (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhQ75OV4VRs>). A proposta era criar uma atmosfera que nos conduzisse para um diálogo sobre educação emocional.

Muitas crianças não demonstraram interesse por esses filmes. Eu acreditava que era por ser um grupo maior, com cerca de 30 crianças. Mas a lara, que é presidente da Associação e sempre muito assertiva, me deu uma dica: era preciso que o filme exibido tivesse diálogo entre os personagens. Para confirmar, exibimos o curta-metragem *Mandalas da Natureza* e de fato, eles passaram a prestar bastante atenção. Após a exibição, conversamos sobre os filmes e as crianças confirmaram o desinteresse por obras sem diálogo entre os personagens.

Foi um grande aprendizado como educadora audiovisual, entender delas a necessidade da oralidade estar presente inclusive nos filmes. e perceber que essa questão não estava atrelada a idade, pois elas tinham faixas etárias variadas. essa experiência contribuiu para estabelecer um critério na curadoria dos próximos filmes para o cineclube do Vila Nova: Narrativas com diálogo entre personagens.





Imagem 20: Crianças durante a exibição dos filmes no cineclube. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Ainda na proposta do cineclube, conversamos sobre a *memória* e o poder que ela tem de despertar reações emocionais em nós. Fizemos um exercício, onde eu perguntei às crianças se elas tinham uma memória que gostariam de compartilhar, e que tipo de emoção/sensação elas sentiam em seus corpos ao lembrar daquela memória.

Praticamente todas elas quiseram compartilhar e todas tiveram seu lugar de fala. Alegria, tristeza e saudade foram as mais identificadas nas falas das crianças, a maioria atrelada a pessoas. Para as crianças mais novas, definir a emoção sentida ainda era abstrato, mas percebiam algo diferente sendo vivenciado em seus corpos.

Encerramos o cineclube conversando sobre o poder da memória, como ela tem influência em nossos sentimentos e a importância de zelar pelas memórias que nos fazem bem.

A perspectiva pedagógica da Educação Audiovisual traz um olhar da Neurociência para o processo de aprendizagem. É insuficiente para a Educação Audiovisual buscar somente que os alunos pensem e compreendam o objeto de estudo, sem proporcionar situações de aprendizagem em que eles se permitam sentir o que estamos a desenvolver juntos.

A emoção que sentimos ao lembrar de algo, é uma reação marcante que tonaliza a aprendizagem e tem impacto no nível de aproveitamento do conhecimento revelado (Moura, 2013). Aliar educação emocional e educação audiovisual nas práticas, conduzem a geração de novas memórias e respostas de aprendizado muito mais significativas a longo prazo. Mas como educadora, não basta entender isso sem que o próprio educando reconheça tais eventos em seu corpo.

Após o cineclube e diálogos reflexivos, partimos para as técnicas de cinema, com a participação do Raphael Serafim, que trouxe para a oficina muitos dos seus conhecimentos práticos. Enquanto preparamos o espaço para a atividade, a Bruna

conduziu uma brincadeira de mímica com as crianças. Como haviam poucos equipamentos, ter essa atividade paralela ajudou muito a controlar a ansiedade de algumas crianças até que chegasse a sua vez de mexer com os equipamentos.



Imagem 21: Brincadeira de mímica entre as crianças. Fonte: Acervo Terrinha Brincante

Devido a escassez de equipamentos, cada criança foi orientada a ocupar uma determinada função: captação de áudio, filmagem, iluminação, direção de arte ou elenco. Assim elas puderam sentir na prática, conceitos do audiovisual que havíamos conversado em nosso primeiro encontro e com muita sensibilidade, promover narrativas voltadas a questão da memória durante as entrevistas realizadas por elas mesmas na atividade.





Imagem 22: Práticas de Cinema com as crianças. Fonte: Acervo Terrinha Brincante

- **2022: Oficina de contação de história e trilha na natureza.**

Em 23 de abril de 2022, foi a vez da oficina acontecer na terrinha, o nosso berço. Dessa vez a Ariane levou para as crianças duas histórias: a obra impressa “O livro da gratidão” e o vídeo com o conto “A árvore generosa” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rw1Aa4kq5U4>).

As duas histórias traziam reflexões sobre a importância de elementos naturais em nosso cotidiano e a gratidão em prol dessa generosidade da natureza. Fizemos então uma roda para ouvir a contação de história. Enquanto ela contava, mostrava as ilustrações do livro para as crianças e fazia questionamentos buscando conectar as histórias com a realidade das crianças.



Imagem 23: Oficina de contação de história na terrinha. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Depois de ouvir as histórias e conversar sobre a importância que a natureza tem em nossas vidas como fonte geradora de abrigo, alimento, espiritualidade e algumas comodidades, partimos para explorar as árvores do local.

As crianças foram as guias nessa jornada e o desafio era identificar as árvores que encontrávamos pelo caminho. Não faltaram árvores, afinal a Terrinha é um espaço que faz fronteira com áreas de conservação e os moradores que habitam essa terra praticam a Agroecologia diariamente.



Imagem 24: Oficina de contação de história na terrinha. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

O passeio pela trilha foi mais desafiador para nós como educadoras, do que para as crianças. Elas já estavam familiarizadas com o local, conheciam cada ponto. Entretanto não podíamos deixar de nos preocupar com a questão da segurança das crianças. O local onde exploramos seguia por uma trilha na mata pouco manejada e poucas crianças estavam com calçado e vestimenta apropriada para desfrutar dessa aventura. Algumas delas estavam de shorts e chinelos, outras até descalço. Por conta disso, achamos melhor não ir até o final do percurso e retornar para concluir a trilha em um momento que todes tivessem acessórios que reforçassem a segurança.

Isso me levou a pensar na necessidade de saber como socorrer uma criança em uma situação de emergência, seja por contato com animal peçonhento, caindo de uma árvore, ou mesmo se engasgando com algum alimento na hora do lanche. É fundamental saber agir diante de uma situação como essa e nenhuma de nós tem a formação de primeiros socorros. Zelar por essas crianças é uma necessidade

tamanha e conseguir apoio para esse tipo de formação é fundamental na perspectiva de continuidade do projeto.

Ao retornar, fizemos o registro dos depoimentos das crianças como exercício das técnicas audiovisuais e registros para o acervo pedagógico. Elas foram convidadas umas pelas outras para contar um pouco do que acharam da oficina. Nem todas quiseram participar do vídeo, mas elas também deixaram suas contribuições com desenhos lindos feitos com materiais que a Ariane levou.



Imagem 25: Produção de acervo pedagógico feito pelas crianças. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

- **2022: Oficina Quizz das sementes.**

Essa oficina foi uma vivência muito marcante pra nós enquanto coletivo. Ela aconteceu na Associação do Vila Nova no dia 28 de abril de 2022 e contou com a participação de um convidado muito especial e referência na Agroecologia aqui no Sul: Amilton Sementes. Ele é um dos guardiões das sementes crioulas no Brasil. Possui uma diversidade imensa de sementes crioulas de várias espécies e anualmente viaja para distribuir sementes aos agricultores de outras regiões. Ao passar pelo litoral do Paraná, não podíamos perder a oportunidade de levar um pouco dos seus saberes para dentro do Terrinha Brincante.



Imagem 26. Cartazes da oficina. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Também estiveram nessa oficina o Raphael Serafim, dando apoio com os registros da atividade, Bruna levando plantas medicinais e jogos de adivinhação e eu dando apoio e cuidando da parte do lanche das crianças, que pela primeira vez puderam experimentar suco de Jussara, o açaí da Mata Atlântica.

Essa Jussara servida no lanche das crianças, havia sido despulpada na minha casa no dia anterior, em uma ação coletiva envolvendo o CCA, Amilton Sementes, o Raphael Serafim e eu. Foi uma ação conectada ao resgate de saberes alimentares, valorização e conservação das espécies do território, qualidade e soberania alimentar. E levar isso para as crianças, promover a Jussara na merenda e poder falar sobre isso com elas, para nós é um ato político. Se você nunca ouviu falar da Jussara, te convido a conhecer um pouco mais sobre ela assistindo a esse vídeo que produzimos durante um dos processamentos da polpa: <https://www.youtube.com/watch?v=UF6ehPgXxlo>.

Mas voltando a falar da oficina, a Bruna abriu os trabalhos falando um pouco das plantas medicinais e aromáticas e distribuiu as plantas para que elas pudessem sentir, cheirar e até experimentá-las. Depois dessa apresentação, ela

vendou as crianças com um lenço e fez um jogo de adivinhação, onde elas precisavam descobrir qual era a planta em suas mãos, utilizando para isso apenas o tato e o olfato. Foi um jogo muito envolvente e desafiador para elas, a cada rodada elas ficavam mais interessadas e motivadas a descobrir.



Imagem 27. Imagens das crianças durante os jogos com plantas. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Depois das brincadeiras com as plantas, veio a participação ativa do Amilton. Ele se apresentou oficialmente para as crianças e falou um pouco sobre seu propósito. Trouxe a importância das sementes crioulas para as nossas vidas e tomou-as como exemplo para falar de respeito e diversidade. Também contou uma história lúdica tendo o girassol e o milho crioulo como personagens principais e reforçando em sua narrativa questões atreladas a diferença e a beleza disso.



Imagem 28. Imagens da apresentação e contação de história do Amilton Sementes. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Como guardião, ele trouxe algumas sementes crioulas que as crianças puderam ver, tocar, cheirar e questionar. No final do encontro, ele distribuiu em saquinhos de papel sementes de girassol, milho e juçara para cada criança. Enquanto distribuía, conversava com cada uma delas incentivando a plantar em casa e zelar por elas para conseguir colher bons frutos ou admirar a beleza do girassol mencionado em sua história.



Imagem 29. Imagens da apresentação e contação de história do Amilton Sementes. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Foram momentos de sutileza e acolhimento. Algo que me chamou muito a atenção foi a participação ativa das crianças da inclusão que estavam ali presentes. Duas delas, que por escolha não costumam participar tanto, se mostraram muito interessadas por essa atividade. Era perceptível o interesse deles em sentir a textura e aroma das plantas. Uma das crianças que tem maior limitação na coordenação motora e na fala, se esforçava para nos conduzir continuamente a trazer outras plantas para ela explorar. Foi muito satisfatório reconhecer esse interesse deles por essas atividades com as plantas e experiências voltadas ao exercício sensorial. De modo geral, essa oficina gerou com naturalidade um clima de muita leveza, gratidão e respeito entre cada um de nós.



Imagem 30. Crianças do projeto *Inclusão* da Associação Vila Nova explorando as plantas através do olfato e tato. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

- 2022: Oficina de Educação Audiovisual.

No dia 12 de maio de 2022 tivemos outra oficina de Educação Audiovisual. Dessa vez fui apenas eu e meu companheiro Raphael Serafim, que trouxe para as crianças da Terrinha Brincante mais um pouco dos seus conhecimentos audiovisuais.

Nessa oficina, nosso foco era desenvolver trabalhos em equipe com as crianças. Mas logo na chegada percebemos que haviam alguns desafios pela frente e que poderiam comprometer as atividades e aprendizado das crianças. Elas estavam bem agitadas naquele dia e eu pude notar alguns pequenos desentendimentos entre elas.

Resolvi adaptar o roteiro da oficina e sugeri primeiramente uma atividade onde elas iriam definir as futuras ações do Terrinha Brincante na Associação. Para isso, a pergunta básica que elas precisavam responder era: **O que é que vocês mais querem aprender?**

Formamos equipes com alguns critérios, era necessário que ao menos uma criança de cada equipe soubesse escrever. Equipes formadas, cada uma recebeu uma tira de papel em branco, lápis de cor e foram orientadas a escrever neste papel aquilo que gostariam de aprender no projeto. Poderia ser qualquer coisa, o que elas quisessem, só tinha mais um critério: precisava ser **uma única palavra que representasse o que todes da equipe gostariam de aprender**, ou seja, eles precisavam entrar em um acordo e apenas me entregar uma palavra.

Cada equipe reagiu de um jeito. Alguns maiores influenciavam os menores na escolha da palavra, outros escreviam sem consultar os colegas e alguns debateram e consentiram de fato.

Enquanto elas decidiam, Raphael e eu tentamos criar uma atmosfera cinematográfica com os equipamentos que seriam utilizados e acessórios que pude produzir previamente em casa utilizando materiais recicláveis.



Imagem 31. Moldura e Claquete improvisadas com materiais recicláveis. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Quando as equipes concluíram, passamos para a etapa do fazer cinema, utilizando a prática da Educação Audiovisual conhecida como dispositivos de cinema. Os dispositivos de cinema são exercícios, jogos, desafios com o cinema, um conjunto de regras para que o estudante possa lidar com os aspectos básicos do cinema e, ao mesmo tempo, se colocar, inventar com ele, descobrir seu local, seu quarteirão, contar suas histórias (MIGLIORIN et. al, 2016). E esses dispositivos são amplos, diversos e podem ser adaptados pelos educadores.

Nesse sentido, através de uma adaptação ao dispositivo *Palavra Narrada*, foi proposto que cada criança trouxesse a sua palavra à tona e compartilhasse o que a motivou nessa escolha. Dessa forma poderíamos construir uma narrativa juntos, além de cada criança explorar o uso dos equipamentos enquanto registravam uns aos outros.



Imagem 32. Crianças durante a oficina de cinema. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Eram muitos aprendizados acontecendo em conjunto: técnicas de enquadramento com molduras construídas com material reciclável, as diversas funções no cinema e a importância do trabalho em equipe, o uso dos equipamentos, a função da claquete no cinema, mas ao meu ver o que era mais curioso era a construção da narrativa.

Registrando uns aos outros, na prática do dispositivo da sua palavra narrada, eles podiam investigar o que cada um desejava aprender, quais as motivações para isso e como eles tinham muitos anseios em comum. Durante as filmagens surgiam comentários do tipo: “*eu também gosto disso*”, “*eu também quero fazer teatro, é o que eu mais gosto*”, “*eu também escolho a palavra paz, acho que todo mundo merece*”. O fazer cinema promoveu conexões entre as crianças.

É no fazer cinema, lidando com o seu entorno, com a alteridade e com as diferenças que adultos e crianças trabalham e inventam juntos. É durante o processo que descobrimos a força que existe em criar um ponto de vista sobre o mundo ou um lugar para ouvir aquilo que nunca antes havíamos parado para escutar (MIGLIORIN et. al, 2016).

Por outro lado, o cinema também tem a sua face de denúncia e foi registrando uns aos outros que elas começaram a surgir. As crianças que por algum motivo não foram ouvidas ou não participaram da escolha da palavra na primeira etapa da atividade, simplesmente não tinham palavras para serem ditas, sequer sabiam qual era a palavra escolhida pela equipe.

Aqueles que tomaram a frente na escolha da palavra, puderam ver - e filmar - o impacto de suas atitudes para com os colegas. Sem punições, apenas a oportunidade do auto-olhar, de ver sob uma perspectiva passiva o que uma atitude individualista pode gerar no coletivo. Todos ali eram afetados, porque se alguém não estava contemplado, nós precisávamos dar um passo atrás para refletir novamente sobre “O que é que você mais quer aprender?”. E isso tomava mais tempo de todos.

Na Educação Audiovisual, fazer cinema envolve uma pesquisa em busca do que desencadeia a transformação social, para compor o registro. Essa prática indiretamente contribui com a materialização do auto-olhar das pessoas que fazem parte. Os registros audiovisuais oriundos desse processo, são ferramentas capazes de contribuir com a práxis ideológica do sujeito, seja valorizando seu trabalho e sua luta ou trazendo a oportunidade de reflexão empática sobre os impactos de uma decisão excludente. Mas é fundamental que aquele educador que está a mediar esse processo esteja consciente desse alcance, traga questionamentos durante o processo e que de alguma forma devolva tudo que foi materializado em termos de registro para os estudantes.

- **2022: Oficina Brincante com Mestre Tião Carvalho.**

No dia 19 de maio de 2022 tivemos a honra de receber o Mestre Brincante da Cultura Popular do Maranhão, Tião Carvalho. Essa oficina foi uma parceria com a colega Beatriz, que vinha mobilizando esse intercâmbio cultural do Mestre Tião pelo Litoral do Paraná e ofertou às crianças da Associação uma oficina de contrapartida social. Primeiramente consultamos a Iara e a partir da aprovação dela nós como equipe do Terrinha Brincante abrimos espaço para a vinda do Mestre na Associação. Ficamos muito honrados com a presença dele no projeto, pois era uma oportunidade valiosa de beber da fonte Brincante da cultura popular.

A oficina com o Mestre Tião Carvalho mobilizou muita gente para dentro da Associação, principalmente pessoas da universidade. Mestre Tião e seu filho trouxeram através da música e da oralidade, brincadeiras populares que promoviam a desenvoltura, a interpretação, a mobilização, movimentação corporal, raciocínio lógico, muita música e ritmos percussivos e tantos outros aspectos intrínsecos em cada história contada em suas cantigas.





Imagem 33. Crianças e adultos durante a oficina do Mestre Tião Carvalho. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Mestre Tião, seu filho e a Beatriz trouxeram uma manifestação popular que é referência em vários estados, que é o Boi Bumbá ou Bumba-meu-boi. Algo que eu acredito que as crianças e muitos de nós nunca tinham vivenciado até então. Todas as pessoas presentes ficaram muito admiradas e curiosas com a presença alegórica do boi.

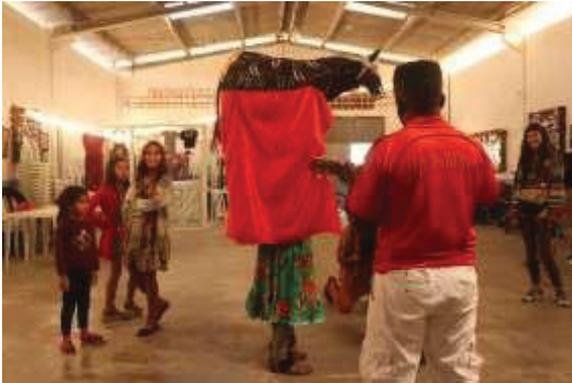


Imagem 34. Apresentação do Bumba meu Boi, também conhecido como Boi Bumbá. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

O envolvimento da comunidade na apresentação do Boi Bumbá me fez refletir sobre a invisibilidade dessa manifestação cultural aqui no Sul. O Boi integra o

imaginário narrativo popular e acontece em diferentes regiões do Brasil, cada qual com o seu nome. No Norte e Nordeste o folclore do Boi em defesa das histórias construídas a partir de uma cultura de oralidade é muito forte na população e resiste ao longo de anos.

No litoral do Paraná temos o Boi-de-mamão, oriundo do folclore catarinense e que foi inspiração para a criação de blocos de carnaval paranaenses como o Boi Barroso e o Boi do Norte. Essas manifestações culturais do Boi são geralmente assistidas na região em épocas de carnaval e próximas às celebrações de São João, mas que atualmente acontecem em poucos municípios do Litoral do Paraná, como Paranaguá e Antonina (PICANÇO et al., 2019). A questão é: Onde foram parar os brincantes do Boi-de-mamão dos outros municípios? **O que falta para essa tradição voltar para as outras cidades do litoral paranaense?**

No Terrinha Brincante seguimos a promover o aprendizado interdisciplinar que valoriza a cultura tradicional local, e o meu compromisso nessa história é trazer a Educação Audiovisual como instrumento potencializador desse processo. Mas vejo que isso é um processo coletivo e que demanda consolidar as conexões que favorecem o intercâmbio cultural entre educadores e agentes culturais.

Para sintetizar um pouco de como foi esse movimento com a terrinha até aqui, fizemos um documentário curta-metragem que foi exibido em primeira mão no dia 25 de junho de 2022 na I MOSTRA AUDIOVISUAL da 5° CONANE Caiçara, na UFPR Litoral, em Matinhos-PR. Esse documentário é uma parte muito importante dessa síntese, pois traz a perspectiva das outras pessoas que contribuíram para que essas vivências acontecessem. Te convido a assistir essa jornada através do link: <https://youtu.be/9U8QE1rfiT8>.

- **5° CONANE Caiçara**

Entre 23 a 25 de junho aconteceu em Matinhos a 5° Conferência de Alternativas para uma Nova Educação - CONANE Caiçara. Esse foi um evento sublime que reuniu muitos ícones da educação alternativa a nível nacional e internacional. O evento teve uma programação recheada de atividades para os mais diversos públicos. Foi um evento de grande mobilização, anunciado como a CONANE mais solidária já realizada até o momento.

Para isso, foi preciso superar muitos desafios, a começar pelas condições precárias dos espaços comuns da universidade, reflexos da pandemia e descaso do

poder público. Para fazer acontecer, foi preciso muito esforço, não faltou gente para ajudar nessa luta. Valdo formou um coletivo de Anfitriões da CONANE, onde passamos a nos posicionar da melhor forma, diante das frentes de trabalho. E se tem uma equipe que trabalhou arduamente nesse evento foi o pessoal da Associação do Vila Nova. A Lara, Leda e Rose mobilizaram muita gente para cada etapa do evento, desde o preparo do muro para grafiteagem, decoração, restauração do relógio indígena, almoço coletivo e por aí vai.

Além do grupo de whatsapp, nos reunimos semanalmente na universidade para buscar alternativas para a realização do evento que prometia balançar a planície Caiçara.

Da minha parte, pude contribuir com os registros audiovisuais junto do meu companheiro Raphael Serafim. Nos revezamos nas captações audiovisuais dos preparativos prévios e durante ao evento, para posteriormente produzir um documentário contando essa história.



Imagem 35. Registro do Afonso na reforma do muro para o muralismo e grafiteagem Fonte: Acervo pessoal.

Dentro do Coletivo de Arte e Cultura da MoANE o qual faço parte, tínhamos o desafio de promover uma interação artística entre os projetos da ANE3. Para isso, eu trouxe a ideia da realização de uma Mostra que receberia os projetos dos alunos nas linguagens artísticas e culturais.

Eu tinha esse anseio desde que ingressei na ANE3, de estimular educadores a romper com suas inseguranças e explorar outras linguagens para comunicar seus

projetos, em especial a linguagem audiovisual. Então fiquei mais à frente da parte audiovisual na realização da Mostra. Essa Mostra na 5ª CONANE Caiçara foi idealizada como um espaço de acolhimento das experiências de educadores que se sentiam confiantes ao ponto de se apropriar da linguagem audiovisual para comunicar suas práticas pedagógicas.

Confesso que achei que seria mais fácil, mas na prática foi bem desafiador. Desde os primeiros encontros para trocas de ideias e alinhamentos com os colegas do Coletivo. Encontros virtuais para pensar em como fazer, formulação e divulgação de edital, inscrição dos colegas, encontros para tirar dúvidas e apoiar os colegas da ANE3 em suas produções.

Dentro do Coletivo de Artes e Culturas da MoANE fizemos oficinas virtuais para facilitar a inscrição dos educadores, uma mediada pela minha comadre de coletivo Viviane, que compartilhou seus conhecimentos sobre o uso de ferramentas do google (drive e forms), e a outra mediada por meu companheiro Raphael Serafim e eu, que compartilhamos técnicas audiovisuais com dispositivos móveis. Essa oficina está disponível no canal da MoANE através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=luFKXZpXQQo&t=1s>.

Depois desse acolhimento aos colegas, seguimos para a organização do acervo da Mostra e nessa etapa a Ivone se destacou, pois além de ajudar na organização do acervo, contribuiu com o alinhamento da programação da mostra, ajudando a tecer uma teia que não deixou ninguém de fora, mesmo com o horário bem apertado. E de quebra, ainda foi a apresentadora oficial da Mostra, trazendo uma solenidade incrível para cada educador que se prestou a apresentar seu projeto naquele espaço. Aprendi muito com a confiança e disposição dessa grande mulher e educadora que é a Ivone.

Durante a CONANE eu vivi muitos desafios na Mostra, o mais marcante foi não ter um técnico à disposição para operar a parte técnica das exposições que aconteciam no auditório. Isso me sobrecarregou muito e me privou de visitar outros espaços da CONANE e inclusive aproveitar melhor a presença dos meus colegas da ANE3. Por conta disso, também não pude participar das rodas de conversa direcionadas aos alunos da ANE3 durante o evento.

De qualquer forma, não desisti do compromisso que firmei com meus colegas, para a comunicação de seus projetos. E alguns acontecimentos durante o evento

me ajudaram a ancorar forças para solucionar os desarranjos técnicos e seguir em frente.

Um desses acontecimentos foi a oficina devolutiva do Terrinha Brincante na Associação do Vila Nova, que aconteceu paralela ao evento, na quinta-feira às 15 horas. Eu levei os equipamentos de projeção e áudio, a lara convocou todas as crianças do Vila Nova e a Bruna Batagin levou o máximo de crianças possíveis da Vila Bom Sucesso. Exibimos então, em primeira mão, o documentário *Terrinha Brincante* para as crianças e o pessoal da Associação.



Imagem 36. Oficina devolutiva do documentário Terrinha Brincante na Associação. Fonte: Acervo Terrinha Brincante.

Aquela oficina foi o acontecimento mais emocionante de toda a CONANE para mim. Ver a expressão das crianças ao se ver na tela, muitas pela primeira vez. Ver o sorriso, o orgulho, a representatividade e a satisfação em fazer parte. Também ver a emoção dos mais velhos, tudo isso trouxe sentido para a minha trajetória na ANE3. Eu não tenho palavras para a emoção que foi viver esse momento e no final ter a aprovação das crianças e das pessoas que representam o Vila Nova. Foi uma recompensa muito gratificante e que fortaleceu muito minhas crenças e propósitos.

Na sequência eu voltei para a CONANE e tivemos a abertura oficial da Mostra, seguida da apresentação da Márcia, que trouxe em sua intervenção artística um pedacinho do Ceará com ela. Foi nos punhos da rede, de maneira tão sensível e acolhedora, que ela deu lugar em seu projeto para que outros educadores pudessem compartilhar suas reflexões em busca das alternativas para uma nova educação. Para isso, bastou uma rede embaixo de uma árvore e um caderno convidando educadores para essa troca através da leitura e da escrita.

Agora se tem duas pessoas que venceram fronteiras para chegar na CONANE foram Elidiana e Bárbara. Diretamente de Bananeiras-PB para o Litoral do Paraná, compartilhando bem de pertinho sobre a reforma que elas vêm fazendo no

chão da escola, na luta para consolidar a Escola dos Sonhos. Que privilégio poder contemplar essas mulheres falando da construção de saberes, das ações de aproximação da escola com os agentes de transformação social e a utilização de práticas da Educação Audiovisual.

Foi muito divertido e inspirador poder ouvir também os relatos dos alunos do André, que produziram obras audiovisuais muito criativas e que ao meu ver, expressavam os reflexos da militância do André como educador, no exercício da democracia de dentro da sala de aula.

Outro resultado inspirador e de muita resistência veio na apresentação da Solange, mostrando os desafios e rupturas no engajamento dos jovens na militância por meio dos grêmios estudantis e a consolidação dessa luta para além dos espaços escolares, isso foi muito potente.

Prata da casa, direto de Matinhos, tivemos também a apresentação dos processos da arte e da corporalidade como uma ferramenta de superação para a retomada do período pós-pandêmico, junto das crianças das escolas onde a Sauane leciona e que fez questão de levar para assistir.





Imagem 37. Apresentação dos estudantes da ANE 3 no primeiro dia da Mostra na 5ª CONANE.
Fonte: Acervo SERAFILMES.

No segundo dia do evento, abrimos a programação da CONANE com a Mostra, e quem diria que não muito longe dali, de dentro da biblioteca da UFPR Litoral para ser exata, estava a Thayná incentivando a leitura de representatividades, um diálogo tão necessário nas alternativas para uma nova educação. Ele fez um vídeo lindo e bem auto-explicativo contando um pouco mais sobre esse processo.

Um momento que considero marcante na sexta foi durante a apresentação da Maria Agraciada e o Arassary Xohã, que antes de iniciar, fizeram um rezo junto das pessoas presentes para promover a ordem e a harmonia:

"Vamos trabalhar, vamos trabalhar. Com a força de Deus, ô vamos trabalhar. (x2)

Ô trabalha, ô trabalha, ô trabalha guerreiro. (x2)

Ô trabalha guerreiro, nessa aldeia real." (x2)

Foi um momento muito especial, de transmutação de várias inconsistências que estavam surgindo para a realização da mostra. Sou muito grata a eles por compartilhar seus saberes e entoar sua força, fé e ancestralidade em cada cântico.

Após a exibição dos vídeos, o Arassary como juventude indígena, trouxe o

histórico de luta do seu povo, lembrando momentos em que sofreram ataques, estratégias de luta e defesa e conclusões em torno disso, foi um dos maiores firmamentos que eu pude ouvir. Ao final ele relatou que abriu mão de sair da sua aldeia e ir a luta a Brasília e tantos outros lugares, porque compreendeu que isso não servia de nada se dentro do território, os indígenas não estivessem firmados.

Esse olhar para dentro com destreza, foi uma grande lição de vida para se levar na defesa de qualquer território. Eu penso em quanta transformação isso é capaz de gerar em comunidade e poder ouvir isso de alguém que representa a juventude do seu povo é muito forte.



Imagem 38. Apresentação de Maria Agraciada e Arassary durante a Mostra na 5° CONANE. Fonte: Acervo SERAFILMES.

No terceiro dia pude contemplar a Otilia, que veio de longe com seu companheiro e bebê tão pequenino, para contar sobre os caminhos rumo a um bairro educador, que eles vêm traçando com muita solidariedade, respeito e esperança, junto de agentes locais e jovens no Projeto Águia de Ouro.

Uma outra apresentação emocionante que aconteceu no sábado foi a da Natacha. Aprender com ela a valorizar os saberes que os nossos antepassados nos deixaram e tomar isso como lição para os diferentes aspectos da nossa vida, ao ponto de levar para dentro de uma universidade uma homenagem a sua avó, feita de maneira tão singela, com o tapete que aprendeu a tecer com ela. Isso que a Natacha fez, ao meu ver, foi um marco de honra. Honrar os saberes e a força feminina da sua ancestralidade, uma lição de vida.

Muitos colegas passaram pela Mostra ao longo do evento, despertando um oceano de emoções a cada exibição. Foi especial ouvir da Vivyanne a sua trajetória em torno do Bem-Viver e a forma como a Agroecologia tem reverberado em seu coração, ao ponto de alcançar experiências e pessoas que geram mudanças efetivas em prol de uma educação mais agroecológica.

Tivemos também a exibição oficial do documentário da Terrinha Brincante, que foi apresentado junto das companheiras Bruna Batagin, Ariane Alencar e a Iara, mas devido ao pouco tempo restante, não foi aberto para debates. Mesmo assim, encerrou com um clima de muito entusiasmo e abraços.



Imagem 39. Apresentação dos estudantes da ANE 3 no último dia da Mostra na 5° CONANE. Fonte: Acervo SERAFILMES.

O Messala também compartilhou um pouco da sua trajetória e sua atuação em ONGs em prol da conservação do planeta e nos conduziu a refletir sobre as nossas escolhas diárias e os impactos que elas geram.

Sem perder o clima de CONANE Caiçara, contemplamos duas obras produzidas por Daniel Chapaval, mostrando um pouco das prosas e cotidiano do Mestre Vicente França, grande mestre fandanguero de Guaraqueçaba, na comunidade do Poruquara e também a o cotidiano da mulher caiçara, protagonizada por Rita, pescadora e filha da falecida dona Rosa da ilha do Superagui.

E para fechar a mostra com chave de ouro, não podia faltar as palavras de plena sabedoria e afeto da nossa colega Jacque, que não pode estar presente, mas nos presenteou com um vídeo depoimento lindo sobre aquilo que leva consigo da ANE, além de uma poesia de estremecer nosso coração.

Para além das apresentações audiovisuais, tivemos outras experiências na Mostra que eu não consegui acompanhar, principalmente aquelas que aconteciam fora do Anfiteatro, como a da Mica com os monóculos, a oficina do Guga, o

workshop do Élder e a grafiteagem dos muros. Visitei brevemente as oficinas com as crianças da CONANINHA e o plantio das árvores realizado em frente a UFPR Litoral, para registrar um pouquinho do que se passava por ali.



Imagem 40. Oficina de muralismo e plantio de árvores com as crianças no evento. Fonte: Acervo SERAFILMES

Por outro lado, consegui acompanhar as apresentações do pessoal do Vila Nova e foi muito legal ver tamanho entusiasmo e charme naquele palco. Foi muito satisfatório ver a comunidade, principalmente as crianças ocupando esses espaços de destaque dentro da universidade. Um comentário que me marcou muito foi ouvir do Gean, um dos jovens da Vila Nova, que ele iria estudar naquela universidade. Isso demonstra o impacto de abrir espaços de fala e valorizar o protagonismo da comunidade local.





Imagem 41. Apresentação de dança das crianças e adultos do Vila Nova. Fonte: Acervo SERAFILMES

Para deixar a programação ainda mais linda e sensível tiveram apresentações teatrais incríveis com diversos artistas locais. Uma peça muito interessante foi “*Liberdade, liberdade*”, dirigida por Alaor Carvalho e apresentada pela companhia de teatro da UFPR *Palavra Ação*, que trouxe em sua narrativa um punhado de críticas aos absurdos políticos que estamos vivendo com tamanha conformidade. Na sequência também tivemos um monólogo do artista Agrichio, representando as críticas de um anjo preso na terra. Foi um banho de arte para a alma.





Imagem 42. Apresentações teatrais durante o evento. Fonte: Acervo SERAFILMES

Outro momento bem marcante de sábado foi a inauguração do relógio indígena e a leitura do Manifesto por uma Educação Democrática e Humanizadora em frente ao relógio indígena.



Imagem 43. Imagens feitas durante a solenidade de restauração da reunião da ANE3. Fonte: Acervo SERAFILMES.

Após a inauguração do relógio e leitura do manifesto encerramos nossa programação na UFPR Litoral e partimos para a associação do Vila Nova, onde foi servido um almoço caçara delicioso, preparado com muito carinho por uma equipe que todos os dias nos ensina a ser gente de verdade.



Imagem 44. Almoço na Associação Vila Nova na 5ª CONANE Caiçara. Fonte: Acervo SERAFILMES.

- **Considerações finais**

A ANE3 tem seu ciclo encerrado em 2022, mas o movimento continua e as oficinas do Terrinha Brincante também. Eu desejo de coração poder ampliar essas ações para outros espaços e trazer cada vez mais pessoas para compartilhar um pouco dos seus saberes com as crianças, porque acredito que é isso que falta ser nutrido no território.

Algumas demandas puderam ser identificadas ao longo dessa trajetória, como a necessidade de mais equipamentos audiovisuais para incluir mais crianças nas práticas da Educação Audiovisual. Em um país que elegeu um presidente com base em *Fake News*, é fundamental que a educação se aproprie cada vez mais das tecnologias e do fazer cinema, para ampliar o seu campo de militância em prol de ações formadoras de senso crítico. E quem sabe assim, reverter essa perspectiva conservadora e passiva manipuladora das massas, sob a qual o cinema foi inserido no país e que tem tanta influência sobre as mídias e canais de comunicação.

Outra demanda é a qualificação de educadores do Terrinha Brincante em um curso de primeiros socorros, para trazer mais segurança às atividades em ambientes Agroflorestais. Brincar com a natureza é uma prática que exige responsabilidade social e ambiental. Durante as práticas, percebemos como a rotatividade tem se mostrado uma estratégia efetiva para fazer acontecer iniciativas como essa na

educação não-formal. Quanto mais voluntários se conectarem com o projeto, maior a nossa rede, mais rica e menos cansativa será a prática dos educadores e educandos e mais diversificado é o conhecimento que se transforma entre todos nós.



Imagem 45. Encontros na 5° CONANE Caiçara. Fonte: Acervo SERAFILMES.

REFERENCIAL

ANISTIA. 2022. *Anistia Internacional Informe 2021/22*. O estado dos direitos humanos no mundo. p 20 - 29.

BERGALA, Alain., 2008. A hipótese-cinema. Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola; tradução Mônica Costa Netto, Sílvia Pimenta. - Rio de Janeiro : Booklink ; CINEAD-LISE-FE/UFRJ: 2008. 210p / Coleção Cinema e Educação. p.21.

FECHINE, Mariana Quirino; BARBOSA, José Luciano Albino. 2016. Desenvolvimento, educação e cultura através dos festivais de cinema da Paraíba. p. 8.

SANTOS, Milton. 2011. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 20° ed. Rio de Janeiro: Record. p.18-19.

MIGLIORIN, Cezar; PIPANO, Isaac; GARCIA, Luiz; MARTINS, India Mara; GUERREIRO, Alexandre; NHANCHERY, Clarissa; BENEVIDES, Frederico. 2016. *Cadernos do Inventar - Cinema, educação e direitos humanos*. ID:Inventar com a diferença.

OBSERVATÓRIO DO TERCEIRO SETOR - OTS. 2021. *Um ativista é morto a cada oito dias no Brasil, diz relatório da ONU*. Redação Direitos Humanos Notícias - Mariana Lima. <Acessado em 09/06/2022 as 10:30h> <Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/noticias/um-ativista-e-morto-a-cada-oito-dias-no-brasil-diz-relatorio-da-onu/>>

PICANÇO, Deise Cristina de Lima; de SOUZA, Elisama Kissenia; LOPES, Fernanda Cristina; de OLIVEIRA, Pamela Cristine. 2019. Blocos e escolas em Antonina: bloco Boi Barroso e o resgate de histórias e práticas culturais. Curitiba. ed. UFPR. p.24-26.